

FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES(AS) PESQUISADORES(AS): CONTRIBUIÇÕES DA EXPERIÊNCIA DE INSPIRAÇÃO ETNOGRÁFICA DO PET PEDAGOGIA UFBA

Gabriella Santana da Silva Pitta¹
Universidade Federal da Bahia

Juliane Vitória Jesus dos Santos²
Universidade Federal da Bahia

Marta Lícia Teles Brito de Jesus³
Universidade Federal da Bahia

Resumo: Neste trabalho, compartilham-se as principais contribuições das experiências de inspiração etnográfica na formação dos(as) estudantes do curso de Pedagogia, que integram o Programa de Educação Tutorial (PET) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Para tanto, o aporte teórico utilizado tem na etnografia e educação (MACEDO, 2006), na observação-participante (VALLADARES, 2007) e no diário de pesquisa (BARBOSA e HESS, 2010) suas bases para a organização das propostas de vivências ocorridas em diferentes realidades educacionais, em escolas públicas e comunitárias de Salvador/BA. Como resultado, constatamos ser de extrema relevância fortalecer a participação e o estímulo ao registro de experiências de inspiração etnográfica na formação inicial de professores, no sentido de que estas possibilitam momentos de discussão sobre a docência, necessidades de leituras pertinentes as situações observadas e participação em grupos de estudo e pesquisa para aprofundamento das questões que podem transformar-se em projetos de Trabalho de Final de Curso e Anteprojeto de Mestrado. Dessa forma, pontuamos que o PET do curso de Pedagogia colabora com o surgimento de professoras-pesquisadoras interessadas em observar e registrar o cotidiano e a cultura docente.

Palavras chave: Etnografia; Formação de professores; Pedagogia.

Introdução

O Programa de Educação Tutorial - PET, vinculado à Secretaria de Ensino Superior do Ministério de Educação, o qual atua por todo Brasil em 842 grupos com até 12 estudantes de graduação bolsistas e um(a) docente tutor(a), entre 121 Instituições de Ensino Superior:

[...] é um programa de longo prazo que visa realizar, dentro da universidade brasileira, o modelo de indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão. Assim, além de um incentivo à melhoria da graduação, o PET pretende estimular a criação de um modelo pedagógico para a universidade,

¹ Graduanda em Pedagogia. UFBA. Bolsista do Programa de Educação Tutorial. E-mail: gabriellapitta@gmail.com

² Graduanda em Pedagogia. UFBA. Bolsista do Programa de Educação Tutorial. E-mail: julianevitoria2018.1@gmail.com

³ Doutora, UFBA. Professora do Departamento 1 da Faculdade de Educação da UFBA. E-mail: martaliciatelesbr@yahoo.com.br

de acordo com os princípios estabelecidos na Constituição Brasileira e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). (BRASIL, 2006, p.7)

O grupo do Programa de Educação Tutorial - PET - do curso de Pedagogia da UFBA, em vigor desde o ano de 2009, apresenta como atividade central do seu planejamento anual a participação das petianas em experiências de inspiração etnográfica em ambiente de aprendizagem. O espaço é escolhido autonomamente pela/o estudante, que no processo de aproximação e investigação da pesquisa de campo realiza um estudo bibliográfico sobre temas que lhe ajudam a compreender melhor as relações que vivencia no espaço escolhido. As petianas frequentam por oito horas semanais um ambiente de aprendizagem escolar ou não-escolar, a fim de explorar realidades de atuação profissional da Pedagogia e incentivar a prática da pesquisa nessa profissão.

Em 2018, foram lócus de investigação: creches, escolas públicas e comunitárias, sendo exploradas as áreas da Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Educação Profissional, Educação de Jovens e Adultos e Coordenação Pedagógica. Depois de um determinado período, a/o estudante tem a oportunidade de realizar projetos de intervenção no ambiente que escolheu em comum acordo com os professores, coordenadores e direção das escolas.

Como objetivo deste trabalho, almejamos compartilhar as contribuições das experiências de inspiração etnográfica na formação do grupo PET Pedagogia UFBA em um contexto específico de formação de professores. Para tanto, apresentaremos como se organiza tal proposta de vivências de realidades educacionais, o que elas provocam nas estudantes, alguns desdobramentos de tais ações, bem como, o fortalecimento da nossa prática conforme os princípios do Programa de Educação Tutorial.

Metodologia

Pretende-se compartilhar resultados de uma experiência de inspiração etnográfica de um modo geral, e em particular no contexto da Educação de Jovens e Adultos. A pesquisa etnográfica, por assim dizer, trata de uma aproximação com as ferramentas da etnopesquisa, para a qual: “*descrever é um imperativo, estar in situ é ineliminável, compreender a singularidade das ações e realizações é fundante, bem como a ordem sociocultural que aí se realiza*” (MACEDO, 2006, p. 83).

Neste processo de imersão em campo, com a observação-participante, a descrição do cotidiano e dos sujeitos envolvidos, buscam-se os sentidos aparentes e velados do dia-a-dia do

ambiente educacional e das interações do sujeito-pesquisador com a realidade estudada. Afirmamos que a etnografia requer procedimentos mais sofisticados, por conta disso, desenvolvemos experiências de inspiração etnográfica, pois reconhece-se a necessidade de um aprofundamento consequente dessa metodologia, que é muito mais complexa e demanda maior grau de imersão no contexto investigado.

Para Macedo (2006) um aspecto crucial da pesquisa etnográfica é a escuta sensível, levando em consideração que no contexto investigado todos os sujeitos têm muito a contribuir com suas vozes. Como complementa Valladares (2007), é importante a nossa participação ativa em campo, saber ouvir, ver, fazer uso de todos os sentidos, ainda que haja a separação entre sujeito-pesquisador e sujeito-pesquisado.

Como método da etnopesquisa, utilizamos a observação-participante, os registros no diário de pesquisa, diário de bordo ou *journal* de pesquisa (BARBOSA e HESS, 2010), as orientações individuais com a nossa tutora e as reflexões compartilhadas dessas experiências em campo nas reuniões quinzenais do grupo PET Pedagogia UFBA.

Segundo Valladares (2007), a observação-participante constitui-se em um processo longo, levamos um tempo para negociar nossa inserção em campo, sendo indicado que haja um sujeito intermediário que colabore com a nossa entrada e com informações-chave da instituição pesquisada. Há a fase exploratória e o tempo é um pré-requisito para estudar e compreender melhor o espaço, as pessoas e a cultura do ambiente.

Necessário se faz também conhecer e respeitar a hierarquia presente no local pesquisado e estar ciente de que não possuímos o controle do que poderá ocorrer. Além disso, é imperativo desenvolver uma rotina de trabalho coerente, autodisciplinada e com rigor científico, o que não nos impede de cometer erros, com os quais devemos aprender ao buscar suas causas. Valladares (2007) também nos alerta sobre possíveis cobranças por parte da comunidade pelos resultados da pesquisa, o que torna ainda mais relevante o compartilhamento dos resultados encontrados.

Para dar conta do registro do que foi observado em campo, o diário de bordo mostra-se um recurso processual capaz de nos formar para pesquisa, a escrita e compreensão de nós mesmos e da vida cotidiana dos sujeitos envolvidos. Barbosa e Hess (2010) colocam a escrita como indispensável na transitoriedade de uma visão de mundo para outra e de um contexto cultural/social. Tal estratégia, permite uma apreensão mais sólida do mundo e nos faz coautores dele sem precisarmos reproduzir teorias alheias.

Dessa maneira, manter o diário de bordo como recurso nessa empreitada é “exercer o ofício de pensar e significar” (BARBOSA e HESS, 2010, p.22). Com isso, desvelamos caminhos pedagógicos com um olhar multirreferencial, ou seja, de inúmeras formas falamos e criticamos as realidades existentes, cada diário passa a carregar a identidade e a visão de mundo do autor gerando essa tríplice aprendizagem: a de si, a do outro e do ambiente que nos rodeia, tornando nossas experiências únicas.

Nas orientações individuais com a tutora, evidenciam-se trocas sobre o que escrevemos, através de suas vivências no meio educacional, isso possibilita que voltemos à nossa escrita da experiência e nos lancemos a observar aspectos da cultura que ainda não tinham sido completamente desvelados. Em relação às reflexões em grupo, percebemos o quanto é fundamental essa troca de saberes adquiridos no campo, aparecem inúmeras possibilidades de pensar e refletir sobre espaços aparentemente tão comuns, nos preparando enquanto futuras profissionais da Pedagogia. As trocas, através da publicização do diário de pesquisa, por exemplo, nos permitem enxergar situações que passariam despercebidas.

Resultados e Discussões

Um dos desdobramentos da inserção em campo é planejar ações de extensão apoiadas nas atividades de ensino e pesquisa, de acordo com a demanda de instituições parceiras e do currículo das petianas. Como exemplo disso, temos uma atividade permanente do PET Pedagogia: o projeto de extensão “Contações de Histórias, aqui, ali, acolá, para todo mundo em todo lugar”. Uma das ações do projeto foi realizada junto às turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola municipal a convite da gestão, que ficou interessada em participar, após conhecer o trabalho do PET Pedagogia UFBA em outras atividades. A proposta foi baseada em uma intervenção - a ser detalhada ao longo deste trabalho - realizada por uma petiana na turma noturna de EJA a qual acompanha, com a contação adaptada das histórias “A cidade dos carregadores de pedras” (BRANCO, 2010) e “As mulheres Abayomi” (PASSOS, 2018), atrelada a roda de conversa sobre opressões na sociedade de classes, racista e patriarcal, com enfoque nas discussões de gênero.

A experiência vivenciada pela bolsista do PET Pedagogia, após acompanhar por cinco meses a turma de EJA 2 (correspondente ao Ensino Fundamental 2), na qual se inseriu o projeto de contação de histórias, foi um processo em conjunto com docentes e gestoras da escola. Foi solicitado pela Gerência Regional de Educação que a escola criasse um vídeo que

tratasse de opressões e superação, a ser exibido no Fórum de EJA em homenagem aos 50 anos do livro “Pedagogia do Oprimido”. Ao saber da tarefa, a petiana se dispôs a construir sob orientação da coordenadora, junto ao professor de Artes (da área de Teatro) uma trajetória de contação de histórias, rodas de conversa e construção coletiva de roteiro - o que precedeu a gravação do vídeo. Por conta de questões contratuais, a partir do quarto momento do processo, a construção se deu com a colaboração de um novo docente de Artes, desta vez da área de Artes Plásticas.

Todo o processo durou um pouco mais de dois meses. No primeiro encontro de preparação para o vídeo, houve uma conversa sobre os termos “opressão”, “opressor” e “oprimido” e o contexto da obra de Paulo Freire. Foi um momento de conhecer mais as/os estudantes. A partir de suas vivências, compartilharam os significados exemplificados com situações gerais da sociedade.

No segundo encontro, foi realizada uma atividade com uma versão adaptada da história “A cidade dos carregadores de pedras” (BRANCO, 2010). O livro infantil (que serve a todas as gerações) trata de uma cidade em que todos recebem uma pedra assim que nascem, entretanto, ao longo da vida algumas pessoas acumulam mais pedras que outras. O sentido atribuído às pedras pela autora é de sentimentos, angústias e tensões que acabamos carregando sem necessidade e às vezes é preciso que alguém atento nos alerte quanto a isso. Todavia, na história adaptada, foi contado que a quantidade de pedra carregada variava de acordo com a posição na sociedade. Por exemplo, a enfermeira carregava consideravelmente menos pedras do que o médico e o prefeito não carregava nenhuma. Conversou-se, então, sobre experiências mais pessoais, havendo a tentativa de analisar algumas delas de forma mais ampliada, associando fatores sociais, de raça e de gênero. Para encerrar o encontro, a petiana pediu que cada estudante escrevesse em uma folha uma opressão vivida por ele/ela ou por alguém próximo, sem se identificar. Depois, as folhas foram amassadas, representando as pedras da história, e guardadas em um cesto.

No terceiro momento, foi contada a história “As mulheres Abayomi” (PASSOS, 2018). O livro mostra como uma comunidade caminha muito melhor se homens e mulheres participarem igualmente das atividades. Em seguida houve uma conversa com enfoque às questões de gênero. Depois, foi retomado o cesto das “pedras” e as opressões registradas foram lidas. Risco de perder emprego, ter que lidar com clientes desaforadas, compartilhar do sofrimento da mãe trabalhadora doméstica que mesmo com dois empregos sofre para

sustentar a família, salário atrasado, baixo salário, ter que ir andando para o trabalho (cuidar de duas crianças) por receber quantia irrisória que não incluía o valor do transporte, ouvir do próprio pai que achava que seu filho (estudante) iria se tornar bandido. Estas foram algumas situações relatadas, as quais indicam o perfil das/os estudantes da Educação de Jovens e Adultos: trabalhadores(as), pobres, de regiões periféricas, negros(as), como dito por Gomes (2007).

Nesse mesmo dia, aproveitou-se que há passagens no livro “As mulheres Abayomi” (PASSOS, 2018) que mostram a organização de mulheres para alcançarem a igualdade de poder, para estimular o diálogo sobre modos coletivos de organização para atingir melhorias em uma comunidade ou em sociedade. Dentre as situações compartilhadas, a turma escolheu algumas semelhantes - relacionadas a trabalho - para pensar sobre possíveis soluções. Um exemplo de solução encontrada foi para o caso da trabalhadora doméstica e da babá, que tinham seus direitos trabalhistas feridos, segundo os relatos compartilhados. A turma apontou a necessidade de ação de algum sindicato e um estudante pesquisou no celular e sugeriu que elas buscassem o SINDOMESTICO - Sindicato dos trabalhadores domésticos.

No quarto momento, com apoio do novo professor de Artes, construiu-se um roteiro coletivo no quadro com sete cenas para o vídeo, após retomar discussão sobre modos coletivos de resolução de problemas. O ensaio e a gravação do vídeo ocorreram no quinto encontro. O docente ajudou a construir o cenários e a organizar a turma. Mesmo os estudantes que não quiseram atuar no vídeo permaneceram na sala, colaborando com suas opiniões. A edição do vídeo foi realizada pela petiana, que buscou auxílio na Faculdade de Educação da UFBA, onde há equipe especializada e programas adequados. No dia da exibição, a bolsista, quatro estudantes, a coordenadora pedagógica e as gestoras foram ao fórum organizado pela Gerência Regional de Educação, a qual a escola integra.

Foi primordial desenvolver tal atividade, visto que a EJA é uma modalidade que sofre com escassez de políticas e estudos que tratem da diversidade, principalmente das relações etnicorraciais (SILVA, 2010). Ao levantar discussões sobre as condições sociais em que vivem estudantes da EJA, em sua maioria pessoas negras, contribuimos para “construir experiências de EJA que incorporem e visem a uma educação para a diversidade e que contemplem a questão do negro, é preciso discutir e inserir-se nas lutas sociais” (GOMES, 2007, p.102).

Além da contribuição à comunidade escolar na qual se inseriu a petiana, houve ganho inestimável na formação desta estudante de graduação, havendo uma troca mútua de saberes e aprendizagens. A partir desse processo desenvolvido em conjunto com coordenadora, professores e estudantes, foram vividas na prática as orientações de Paulo Freire (1987). Seria totalmente contraditório desenvolver um trabalho com o foco em tal autor, o qual defende incansavelmente o direito de cada sujeito dizer a “sua palavra”, utilizando uma metodologia que fosse de depósito de informações. O desenrolar das atividades estimulou que a turma de jovens e adultos e a bolsista do PET Pedagogia atravessassem juntos uma das etapas para transformação da realidade criticada: dialogar e refletir, como dito por Freire (1987):

Se é dizendo a palavra com que, “pronunciando” o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens. Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca das ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 1987, p.45)

E como visto, ser observadora-participante possibilita a imersão na realidade escolar, ora apenas observando o decorrer das aulas, ora convivendo como a “estagiária da escola”, gerando, então o caráter tanto de estudo, quanto de experimentação, havendo sempre o exercício de reflexão com apoio do diário de bordo e compartilhamento das experiências com a tutora e com as colegas. A atuação do grupo PET Pedagogia UFBA em ambientes educacionais provoca a possibilidade real de construir repertórios fundamentais para professores(as) em formação inicial, tendo em vista incluir a vivência sistemática em ambientes de desempenho profissional da Pedagogia. Para Macedo (2006, p.152), um resultado de uma formação que passa pela etnografia é “a valorização intercrítica da experiência e do vivido como reflexões seminais para a teorização da prática.”

Nesse processo, experimentamos relações interpessoais entre os sujeitos nas pesquisas de campo, conhecemos a estrutura física de diferentes espaços educativos e tomamos decisões acerca de eventos inesperados da rotina de determinados grupos. As práticas observadas e as interações das petianas com o contexto em que estão inseridas são, junto a outras experiências acadêmicas, embriões da reflexão sobre a formação enquanto futuras profissionais da Pedagogia.

Complementamos a compreensão de experiência com as contribuições de Larrosa (2002), o qual afirma que:

O sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”. (...) Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre. (...) A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. (...) O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. A palavra experiência tem o ex de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho e também o ex de existência. (LARROSA, 2002,p.25)

Estar nos ambientes educacionais escolhidos por um motivo que nos afeta e com orientações para ter o olhar etnográfico compõem uma experiência que vai além da graduação, estimulando a nossa autonomia e reflexões sobre a articulação entre ensino pesquisa e extensão. Portanto, a pesquisa de inspiração etnográfica mostra-se uma importante ferramenta para estudantes de licenciatura desenvolverem experiências, no sentido apontado por Larrosa (2002), forjando uma identidade profissional aprofundada ainda na graduação. Isto aproxima-nos imensamente dos princípios do Programa de Educação Tutorial, uma vez que são geradas:

oportunidades de vivenciar experiências não presentes em estruturas curriculares convencionais, visando a sua formação global e favorecendo a formação acadêmica, tanto para a integração no mercado profissional quanto para o desenvolvimento de estudos em programas de pós-graduação. (BRASIL, 2006)

Nossa atuação nos espaços educacionais com a utilização de ferramentas da etnopesquisa contribui para o desvelamento de tais ambientes, a saber a sala de aula, que para muitos é como uma “caixa preta” (MACEDO, 2006, p.152). O acesso a essa metodologia colabora para a nossa formação como estudantes de Pedagogia e mostra-se útil para nossa formação continuada. Na escola, a etnometodologia vai muito além de gerar resultados de pesquisa, pois “é um recurso *para todos os fins práticos* da formação, da auto-eco-organização dos formadores e formandos” (MACEDO, 2006, p.153). Um exemplo de “fim prático da formação” e que podemos perceber nas experiências de inspiração etnográfica proporcionadas pelo PET é o planejamento - um elemento essencial para o dia-a-dia de profissionais da Educação.

Destaca-se a importância do convívio saudável com os sujeitos da instituição, o que exige uma postura ética e um diálogo maduro entre as partes, gerando confiança e conseqüentemente maior imersão no cotidiano, abrindo caminhos para desenvolvimento de outros estudos e atividades. De acordo com Paro (2010), tal imersão permite aproximação com a dimensão mais vital da Política Educacional: no dia-a-dia da escola encontramos resultados da interação dos sujeitos-alvo com as políticas educacionais, as quais deveriam sempre mirar a aprendizagem das e dos estudantes. Entretanto, sabemos que não é o que ocorre. Por isso, torna-se mais urgente ainda que sejam formadas/os docentes mobilizados/as e mobilizadores/as, inteirados/as da realidade em que atuam e dispostos/as a propor experiências ao corpo discente que causem reflexão crítica sobre o cotidiano e o mundo. Como nos aponta Candau (2014):

Conceber o educador como um agente sociocultural ainda constitui uma perspectiva somente anunciada em alguns cursos de formação inicial e/ou continuada de educadores. No entanto, consideramos que esta perspectiva é fundamental se queremos contribuir para que a escola seja reinventada e se afirme como um locus privilegiado de formação de novas identidades e mentalidades capazes de construir respostas, sempre com caráter histórico e provisório, para as grandes questões que enfrentamos na atualidade.(CANDAUI,2014,p.41)

Apesar de defendermos as experiências de inspiração etnográfica como parte do caminho para esse processo de transformação de realidades educacionais, compreendemos as dificuldades de se estabelecer à risca os procedimentos que tal metodologia exige. Por exemplo, algumas petianas do nosso grupo compartilham da reflexão: “Se eu enquanto estudante, observadora-participante, me sinto cansada, às vezes não dou conta do diário-de-bordo, como um/a professor/a de 20h ou 40h pode dar conta dos registros?”. Todavia, reconhecemos que o exercício das ferramentas da pesquisa etnográfica durante a graduação estimula habilidades que favorecem a formação de professores/as com mais atenção aos detalhes do cotidiano e aos critérios avaliados nas/os estudantes. E a função de pesquisador(a) é justificada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia (BRASIL, 2005), as quais sinalizam que as/os profissionais licenciadas/os em Pedagogia devem estar aptas/os a:

- realizar pesquisas que proporcionem conhecimentos, entre outros: sobre seus alunos e alunas e a realidade sociocultural em que estes desenvolvem suas experiências não escolares; sobre processos de ensinar e de aprender, em diferentes meios ambiental ecológicos;

sobre propostas curriculares; e sobre a organização do trabalho educativo e práticas pedagógicas;
- utilizar, com propriedade, instrumentos próprios para construção de conhecimentos pedagógicos e científicos. (BRASIL, 2005)

Considerações finais

Reafirmamos a importância das experiências de inspiração etnográfica para o enriquecimento formativo das petianas enquanto professoras em formação e das ações ligadas ao grupo Programa de Educação Tutorial - PET- Pedagogia UFBA no que se refere ao tripé pesquisa, ensino e extensão.

Constatamos que as inserções em campo devem permanecer como uma atividade central do nosso grupo PET, pois trazem contribuições significativas para a comunidade externa e para as/os estudantes de graduação de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Bahia. De um modo geral, os Trabalhos de Conclusão de Curso nascem dessa experiência e anteprojetos de Mestrado também tem seguido o caminho de refletir questões que surgiram da observação-participante em ambientes escolares, de forma sistemática, interessada e embasada do ponto de vista teórico e respaldada por grupos de pesquisa que acolhem as estudantes com seus projetos e inquietações.

Concluimos, portanto, que é de extrema relevância fortalecer as experiências de inspiração etnográfica na formação das futuras professoras-pesquisadoras, pois colaboram com o surgimento de docentes interessadas em observar e registrar o cotidiano e a cultura docente.

Referências

BARBOSA, Joaquim Gonçalves; HESS, Remi. **O diário de pesquisa:** o estudante universitário e seu processo formativo. Brasília: Liber Livro Editora, 2010.

BRANCO, Sandra. **A Cidade Dos Carregadores de Pedras.** Cortez Editora, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia.** Brasília: 2005.

BRASIL, Ministério da Educação. **Programa de Educação Tutorial:** Manual de Orientações Básicas. Brasília: 2006. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=338-manualorientbasicas&category_slug=pet-programa-de-educacao-tutorial&Itemid=30192>

Acesso em 13 mar. 2019

CANDAU, Vera Maria Fernão. **Ser professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas.** Educação (Porto Alegre, impresso), v. 37, n. 1, p. 33-41, jan./abr. 2014. Disponível em: <
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/15003/10923>> Acesso em 09 abr. 2019

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Nilma Lino. Educação de Jovens e Adultos e questão racial: algumas reflexões iniciais. In: GIOVANETTI, Maria Amélia; Gomes, Nilma Lino; SOARES, Leôncio (orgs.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação. Nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002. Disponível em: <
<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>> Acesso em 14 mar. 2019

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa-crítica / etnopesquisa-formação.** Brasília: Liber Livro Editora, 2006.

PARO, Vitor Henrique. **Educação como Exercício do Poder:** crítica ao senso comum em educação. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 2010.

PASSOS, Adilson. **As mulheres Abayomi.** Lauro de Freitas: Solisluna, 2018.

SILVA, Natalino Neves da. **Juventude Negra na EJA:** o direito à diferença. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

VALLADARES, Lícia. **Os dez mandamentos da observação participante.** Rev. bras. Ci. Soc. vol.22 no.63 São Paulo Feb. 2007. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v22n63/a12v2263.pdf>> Acesso em 13 mar. 2019